

Habitualmente não presto atenção nele; volta e meia dá seus pitacos nos meus textos, bobices, mas dessa vez exagerou. Em virtude da presente nota, vai pretender mostrar quem manda; os próximos textos — possivelmente este mesmo — certamente apresentarão impropriedades gramaticais e linguísticas. E vocês já saberão do que se trata. Uma coisa me chama a atenção: Eu vou salvando o texto para a mesa à medida que escrevo; quando o ícone do artigo aparece, surge por trás dele o ícone do Word, que logo desaparece. Há um bom tempo eu não instalo ou trabalho com nada da Microsoft. Por meio de *apps* especiais, no entanto, Apple tem, em alguns casos, algo de simbiótico com a proprietária do Windows, só que eu, pessoalmente, trabalho exclusivamente com LibreOffice para Mac, um soberbo processador de texto que é muito mais do que um mero processador de texto. É isso aí.

Escrevo, do mesmo texto faço *upload* para onairnunesblog.com e para onairnunes.com sem qualquer diferenciação; às vezes chega alterado no primeiro, dessa vez sobrou para o segundo.

Em onairnunesblog.com da última quinta-feira, o final da epígrafe é *De repente, ninguém está, de fato, querendo realizar alguma coisa*, e não o que está lá.

No primeiro parágrafo a meio, o texto correto é *Quanto à Economia, ela mesma, com as práticas atuais, ninguém vai resolver os seus problemas*, e não o que está lá; ao final, o texto correto é *As portas do inferno foram abertas* e não o que está lá. Este sobrou também para onairnunes.com/.

No terceiro parágrafo, o texto correto é *Quem não o faz ou desestimula a medida tem medo da debacle total das contas federais, não do debacle*. E já que lembramos Nelson Rodrigues no subtítulo desta sessão, registremos: *Até as cabras vadias sabem disso*. Ainda no terceiro parágrafo o texto correto é *Os bancos não deixam os juros baixarem, as indústrias, no geral, não se adequam, não se arrumam, em São Paulo, a própria entidade classista está gritando, assustada, seu viés asfixiado. (...), é preciso rever a Constituição Federal quanto aos privilégios que abriga, foros, (vírgula em foros) competências, (...)*

E como é preciso ficar ligado, reitero em meio ao caos nosso de cada dia:

Artigo: Vamos continuar dançando com a mulher feia?

Publicado em onairnunesblog.com em 12 de Dezembro de 2016

Na noite da última sexta-feira, já bem estabelecidas as notícias do dia, vieram-me à cabeça Januário de Oliveira e o bordão que usava quando do ponta-pé inicial das partidas de futebol por ele narradas. Explico.

A teor do posfácio de Andrew J. Bacevich – William Appleman Williams, *The Tragedy Of American Diplomacy*, p. 314 da edição do quinquagésimo aniversário –, no ponto em que comentou o convite de Williams para os Americanos verem com simpatia as revoluções por meio das quais outros povos buscavam conduzir os seus destinos, é essencial a postulação de haver chegado o momento de uma revolução caseira traduzida nos movimentos antiguerra e à vista da possibilidade de tal revolução tornar-se veículo de transformações domésticas. Pairava, ainda, sobre a nação, a angustiante expectativa de haver falhado na avaliação da oportunidade de salvar a si mesma. “O terror final”, escreveu Williams, viria se o final da guerra (do Vietnam) não conduzisse a mudanças fundamentais na visão (de mundo) Americana, na Sociedade Americana, e, conseqüentemente, na política externa Americana. O próprio Williams transcreveu como epígrafes (página seguinte ao final do índice e anterior ao prefácio): *Este é um tempo de censura, muito bem, mas para a censura da Sociedade como um todo*.

James Reston, 1958

Nunca somos tão vítimas dos outros, como somos vítimas de nós mesmos.

Julius Lester, 1970

Como pedir a um homem para ser o último a morrer por um equívoco?

John Forbes Kerry, 1971

Tudo isso nos calça como luva, da primeira à última palavra. Estamos de certo modo, para os padrões brasileiros, vivendo uma revolução. Será trágico se a Sociedade não processar adequadamente as causas de tal revolução e não reagir adequadamente, levando a Administração a uma postura revista do que é melhor para o país. O aspecto mais importante de nossa realidade atual não está em apequenar-nos, mas em nos atirmos ao mercado de cerca de três bilhões de pessoas que visões de estadistas abriram para o Brasil. O único compromisso da Administração é com a sua gente. Um país não tem amigos, tem interesses, isto não foi dito por um esquimó. Cuidemos dos assuntos comerciais, que se refletirão na atividade industrial; será por meio deles que sairemos da situação em que nos encontramos. O restante deixemos com a polícia e para o Judiciário.

Homens que nos governaram, aqui pertinho, e talvez por isso mesmo, deixaram-nos chocados com suas prisões dentro dos mais estritos limites legais, sem fugas ou tergiversação. Estamos vivendo um pesadelo. Quando homens públicos assediam empresários por favores financeiros, sabem que suas propinas serão multiplicadas por vezes “n” e adicionadas ao preço de obras e serviços, crime e malbaratamento do dinheiro público. Quem faz ou fez isso tem de ser “desembarcado”, processado e preso; e quem defende esses delinquentes é conivente, pratica associação com o crime.

Além disso, que já não é pouco, a fixação técnica de que a inflação caiu pelo fato de boa parcela de consumidores estar fora do mercado apenas confirma temores. Leia, por favor, aqui no Blog, meus artigos a respeito. Vendeu-se o tal teto para despesas numa distorção do teto para endividamento, que é coisa completamente diferente. O primeiro estreita o meio circulante, estreitando o mercado, assassinando o consumo e levando o país à indigência laboral e social, fatal; o segundo força a poupança, a preocupação em gastar melhor, não gastar menos, caminho para sair-se de embrulhos como esse em que estamos. É impossível que os Economistas Oficiais e Congressuais não saibam disso. Lembram do Veríssimo? Vamos continuar dançando com a mulher feia?

Sendo hoje um dia de lembrar Nelson Rodrigues, peço licença para uma pequena discordância; repito palavras que ouvi ontem à noite de uma unanimidade que **não é** burra:

O Estado só se preocupa com a própria manutenção; a Sociedade, para ele, é uma aporrinhação.
O Brasil é um emaranhado feito para não funcionar.

